León Degrelle foi Comandante em Chefe das Forças Voluntárias Belgas que lutaram ao lado dos Alemães durante a 2ª Guerra Mundial. A carta deste General foi enviada ao Papa João Paulo II antes de sua visita ao campo de concentração de Auschwitz na Polônia.



Conferindo e divulgando a História

CARTA AO PAPA

León Degrelle

REVISÃO
EDITORA LTDA

Carta ao Papa

SOBRE OS "MILHÕES" DE JUDEUS
"GASEADOS" POR HITLER
EM AUSCHWITZ



Editado pela
REVISÃO EDITORA LTDA.
Cx. Postal 10466
Rua Voltaire Pires, 300, conj. 2
90001 Porto Alegre - RS - BRASIL

CAPA: S. Miguel

LEÓN
DEGRELLE

Carta ao Papa

SOBRE OS "MILHÕES" DE JUDEUS
"GASEADOS" POR HITLER
EM AUSCHWITZ

1ª edição
1989



Conferindo e Divulgando a História

Introdução ao Tema

por Léon Degrelle

"Incontáveis mentiras têm se repetido em milhares de livros, com uma raiva cada vez mais obstinada. Reeditadas em cores, em filmes apocalípticos que flagelam furiosamente não só a verdade e verossimilitude, mas também o bom senso, a aritmética mais elementar, e até os próprios fatos".

•

"As centenas de milhares de mulheres e crianças atrozmente carbonizadas por ordem direta dos chefes de Estado aliados, em Dresden, Hamburgo, Hiroshima e Nagasaky, padeceram com maior intensidade do que os deportados políticos ou os resistentes (entre ambos, 25% da população total dos campos), opositores, anormais sexuais ou criminosos comuns (75% da população dos campos)".

•

"O calvário da maior parte dos exilados, poderia muito bem ter terminado no dia tão esperado do início da paz, se não tivesse se abatido sobre eles, ao longo das últimas semanas, a catástrofe de epidemias exterminadoras, ampliadas ainda mais pelos fabulosos bombardeios — aliados — que destruiam as linhas da estrada de ferro e as auto-estradas, e afundavam os navios carregados de prisioneiros".

•

"Estas operações aéreas maciças destruíam as redes elétricas, os encanamentos e os depósitos de água, cortavam todo o abastecimento, impondo em todos os lugares a fome, e tornavam impossível todo transporte de evacuação".

•

"Dois terços dos deportados que morreram ao longo da II Guerra Mundial, pereceram então, vitimados pelo tifo, pela

disenteria, pela fome, pelas esperas intermináveis nas maltratadas vias de comunicação".

•

"Sem esta louca e brutal trituração às cegas, milhares de internados teriam sobrevivido, em lugar de converter-se — entre abril e maio de 1945 — em macabros objetos de exposição, ao redor dos quais fervilhavam matilhas de necrófilos da imprensa e do cinema, sedentos de fotografias e filmes com ângulos e imagens sensacionais, e de um rendimento comercial garantido. Documentos visuais, cuidadosa e previamente retocados, sobrecarregados, deformados e geradores de crescentes ódios".

•

"Estes intrigantes da informação deveriam ter também tomado quilômetros de filmes semelhantes, de cadáveres de mulheres e crianças alemãs, cem vezes mais numerosos, mortos exatamente da mesma forma, de fome, de frio, ou metralhados sobre os mesmos gelados vagões ao relento, e nos mesmos caminhos ensanguentados. Mas essas fotos, iguais às da imensa exterminação das cidades alemãs, que nos mostrariam seiscentos mil cadáveres, essas, evitaram divulgar."

•

"A verdade é que o tifo, a disenteria, a fome, os continuados metralhamentos aéreos, atingiam indistintamente, em 1945, tanto aos deportados estrangeiros, como também à população civil do Reich, todos apanhados por abominações próprias do fim do mundo".

•

"No que se refere a uma vontade formal de genocídio, nenhum documento pode trazer a menor prova oficial disso, há mais de 30 anos... As afirmações lançadas e constantemente repetidas desde há tantos anos, em uma fabulosa campanha, não resistem a um exame científico sério".

"O Holocausto número 1, qualquer que tenha sido sua difusão e o seu impacto entre os tolos, não foi mais do que um gigantesco alvoroço hollywoodiano, de rara vulgaridade, e destinado, antes de mais nada, a esvaziar centenas de milhões de bolsos de espectadores desavisados".

——— • ———

"Contrariamente ao que seria normal, a propaganda de "atrocidades" desencadeada pelos aliados após a Segunda Guerra Mundial, não têm diminuído absolutamente com o decorrer do tempo, mas ao contrário, aumenta sem cessar em todos os meios de comunicação: as redes de televisão, rádio e imprensa, repetem sem cessar que os "nazistas" gasearam e queimaram seis milhões de judeus em supostos "campos de extermínio".

Tudo isto apesar de que, nestes quarenta anos decorridos, contam-se já dezenas de cientistas, historiadores e pesquisadores de todas as nacionalidades, que demonstraram com provas irrefutáveis a falsidade do justamente denominado "Mito dos seis milhões".

Uma das metas mais ansiadas pelos propagandistas do ódio, era conseguir que a Igreja Católica participasse de alguma maneira, nesta macabra encenação.

Durante a guerra, e depois dela, tanto o Vaticano como a Cruz Vermelha Internacional, mostraram-se bastante céticos a respeito desta fraude.

Finalmente, com a chegada de um Papa polonês à Santa Sé, que participou na guerra, lutando num dos lados, o governo comunista daquele país conseguiu a desejada "encenação": um Papa católico em Auschwitz.

Agora que a televisão prepara-se para presentear-nos com novos memoriais holocáusticos e que os meios diplomáticos pretendem voltar a levar o Papa a um campo de concentração alemão — de maneira nenhuma a um soviético, israelita ou vietnamita — a leitura desta carta do General Waffen SS — Léon Degrelle à S. Santidade em Roma, é do máximo interesse.

Introdução à Terceira Carta Espanhola

Há alguns anos, o Papa dispunha-se a ir a Auschwitz. Haviam sido escritos tantos exageros e mentiras a respeito dos "campos de concentração", que tomei a liberdade de escrever à Sua Santidade para comunicar-lhe minhas inquietações.

Em 1979, esta carta foi publicada pela primeira vez em idioma espanhol e simultaneamente em muitos outros países: França, Inglaterra, Itália, Portugal, etc.... As sucessivas edições espanholas venderam dezenas de milhares de exemplares.

A partir de então, todo este assunto dos "judeus exterminados" é visto cada dia com mais clareza.

Catedráticos da mais alta categoria estabeleceram já, cientificamente, a impossibilidade de que funcionassem ou de que sequer existissem, as famosas "câmaras de gás", que a propaganda judaica havia convertido em um dogma indiscutível. Mas o grande público percebeu que, pelo menos, chegou o momento de duvidar.

Os "holocaustos" e outras fraudes propagandistas já perderam a credibilidade escandalosa que haviam conseguido entre milhões de ingênuos mal informados.

Não há verdade histórica, se esta apoia-se na mentira e no ódio!

Se uma nova edição de minha "Carta ao Papa" pode ajudar ao grande público a liberar-se de mil confabulações, sentir-me-ei muito satisfeito.

A todos uma saudação.

Léon Degrelle

Málaga, 30 de abril de 1988

Advertência

Graças a uma fotocópia que chegou de Roma às Edições de "Europe Nouvelle", acabam de revelar, em Paris e Bruxelas, o texto de uma carta escrita por Léon Degrelle, à Sua Santidade João Paulo II, antes de sua viagem à Polônia.

O selo oficial de recebimento desta carta por SS João Paulo II, leva, depois do número de ordem 951, a menção "Citta del Vaticano" P2 — 26.5.79, e é seguida da assinatura do destinatário.

Congratulamo-nos em publicar a tradução original desta missiva "particular".[1] Achamos indispensável esta publicação, na hora em que o ódio e a intolerância tentam enganar, mais fanaticamente do que nunca o povo espanhol, com a exibição do filme Holocausto,[2] cúmulo da mentira e da fraude da propaganda sionista.

Completamos esta carta com um capítulo final, no qual José Martinez comenta o que disse, e também o que não disse João Paulo II em Auschwitz, e a resposta discreta, porém interessantíssima, de Sua Santidade a Léon Degrelle, daquele campo de concentração.

---

[1] Esta tradução para o português está sendo feita através da tradução espanhola. (Nota do tradutor).

[2] Após o lançamento do livro "Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século", já nos empurraram 3 vezes este "filme", para tentar combater as denúncias constantes da obra de S. E. Castan. (Nota da editora).

No exílio, aos 20 de maio de 1979

À sua Santidade Papa João Paulo II
Cidade do Vaticano

Mui Santo Padre:

Eu sou Léon Degrelle, Chefe do Rexismo Belga, antes da Segunda Guerra Mundial e, durante esta, o Comandante dos Voluntários belgas do Front Oriental, combatendo na 28ª Divisão da Waffen SS "Wallonie". Certamente isto não é uma recomendação aos olhos de certas pessoas. Mas eu sou católico como Vós, e acho-me, pelo fato, autorizado a escrever-vos como a um irmão na fé.

Eis aqui do que se trata: a imprensa anuncia que, por motivo de vossa próxima viagem à Polônia entre os dias 2 e 12 de junho de 1979, Sua Santidade vai celebrar uma missa, junto com todos os bispos poloneses, no antigo campo de concentração de Auschwitz. Eu acho, digo-vos de antemão, muito edificante que se reze pelos mortos, não importa quais sejam e onde seja, inclusive diante de fornos crematórios reluzentes, de tijolos refratários imaculados.

Porém assaltam-me certas apreensões, apesar de tudo.

Sua Santidade é polonês. Esta condição aparece sem cessar, e é humano, em Vosso comportamento pontificial. Se vos impressionam fortemente velhos ressentimentos de patriota que participou ativamente em sua juventude, em um duro conflito bélico, poderíeis estar tentando tomar partido, uma vez feito Papa, em disputas temporais, que a história ainda não esclareceu suficientemente.

Quais foram as responsabilidades exatas dos diversos beligerantes no desencadeamento da Segunda Guerra Mundial? Qual foi o papel de certos provocadores? Vosso Presi-

dente do Conselho de Ministros, o Coronel Beck, que todo mundo sabe que era um personagem bastante suspeito, comportou-se por acaso, em 1939, com toda a ponderação desejada? Não rejeitou com excessiva arrogância as possibilidades de entendimento?

E depois? A guerra foi verdadeiramente como se tem dito? Quais foram os erros, e inclusive os crimes, de uns e outros? Foram analisadas sempre com objetividade, as intenções? Não ter-se-á desvirtuado levianamente ou com má fé, porque a propaganda assim exigia, a doutrina do adversário, atribuindo-lhe projetos e endossando-lhe atos cuja realidade pode estar sujeita a inúmeras dúvidas?

Apesar da Igreja estar sempre muito melhor informada do que ninguém, através de dois mil anos de circunspecção, tem evitado sempre as posturas precipitadas, e tem preferido julgar sempre a respeito de fatos comprovados, com calma, depois do tempo ter separado o joio do trigo, os furores e as paixões. Em especial, a Igreja sempre distinguiu-se por uma moderação extremada, ao longo da II Guerra Mundial. Sempre evitou cuidadosamente propagar as loucas elucubrações que circulavam na época. Mui Santo Padre, sobre vosso solo pátrio — em Auschwitz, particularmente —, impressionado talvez por certas visões incompletas e partidárias do passado, ide Vós simplesmente rezar?...

Receio, sobretudo, que as vossas orações e, inclusive, vossa simples presença nesses lugares, sejam imediatamente desvirtuadas de seu sentido profundo, e sejam utilizadas por propagandistas sem escrúpulos, que se farão servir, amparando-se em Vós, para as campanhas de ódio, baseado em falsidades, que envenenam todo o assunto de Auschwitz, desde há mais de um quarto de século.

Sim, falsidades.

Depois de 1945 — abusando da psicose coletiva que, baseada em boatos incontroláveis, havia transtornado numerosos deportados da II Guerra Mundial — a lenda dos extermínios maciços de Auschwitz tem atingido o mundo inteiro.

Têm sido repetidas em milhares de livros, incontáveis

mentiras, com uma raiva cada vez mais obstinada. Foram reeditadas em cores, em filmes apocalípticos, que flagelam furiosamente, nã só a verdade e verossimilitude, mas também o bom senso, a aritmética mais elementar, e até os próprios fatos.

Vós, Mui Santo Padre, fostes, segundo dizem, um resistente ao longo da II Guerra Mundial, com os riscos físicos que comporta um combate contrário às leis internacionais. Algumas pessoas acrescentam que Vós estivestes internado em Auschwitz: como tantos outros, Vós saístes dali, já que Vós sois atualmente Papa, um Papa que, com toda a evidência não cheirou demais o famoso gás Zyklon B. Sua Santidade, que viveu nesses lugares, deve saber melhor que qualquer outro, que esses gaseamentos de milhões de pessoas nunca foram realidade. Sua Santidade, como testemunha de exceção, viu pessoalmente efetuar um só desses grandes massacres coletivos, tão repetidos por propagandistas sectários?...

Certamente, houve sofrimento em Auschwitz. Em outras partes também. Todas as guerras são cruéis. As centenas de milhares de mulheres e crianças atrozmente carbonizadas por ordem direta dos Chefes de Estado aliados, em Dresden, Hamburgo, Hiroxima e Nagasaky, tiveram padecimentos muito mais horríveis do que os sofridos pelos deportados políticos ou os resistentes (entre ambos, 25% da população total dos campos), opositores, anormais sexuais ou criminosos comuns (75% da população dos campos de concentração), que padeciam, e às vezes morriam, nos campos de concentração do III Reich.

O esgotamento devorava-os. O abatimento moral eliminava as forças de resistência das almas menos equilibradas. As crueldades de alguns guardas desnaturados, alemães, e mais freqüentemente não alemães, dos "kapos" e outros deportados convertidos em carrascos de seus companheiros, somavam-se à amargura de uma promiscuidade multitudinária. Cabe pensar que em algum campo houvesse algum maníaco que procedesse com experiências de morte inéditas

ou fantasias monstruosas de torturas ou assassinatos.

Sem dúvida, o calvário da maior parte dos exilados, poderia muito bem ter terminado no dia tão esperado do início da paz, se não tivesse se abatido sobre eles, ao longo das últimas semanas, a catástrofe de epidemias exterminadoras, ampliadas ainda mais pelos fabulosos bombardeios – aliados – que destruiam as linhas da estrada de ferro e as auto-estradas, e afundavam os navios carregados de prisioneiros, como aconteceu em Lübeck. Estas operações aéreas maciças destruíam as redes elétricas, os encanamentos e os depósitos de água, cortavam todo o abastecimento, impondo em todos os lugares a fome, e tornavam impossível todo transporte de evacuados. Dois terços dos deportados mortos ao longo da II Guerra Mundial, pereceram então, vitimados pelo tifo, pela disenteria, pela fome, pelas esperas intermináveis nas maltratadas vias de comunicação". Os números oficiais o estabelecem. Em Dachau, por exemplo, segundo as mesmas estatísticas do Comitê Internacional, morreram em janeiro de 1944, 54 deportados; em fevereiro de 1944: 101; mas, no mês de janeiro de 1945, morreram 2.888 e, em fevereiro de 1945 morreram 3.977. Em um total de 35.613 deportados mortos neste campo, de 1940 a 1945, 19.296 faleceram durante os últimos 7 meses de hostilidades; e fica demonstrado que o terrorismo aéreo aliado já não tinha nenhuma utilidade militar, pois a vitória dos aliados, no começo de 1945, já estava totalmente assegurada. Portanto, já não era preciso de maneira alguma, tal terrorismo aéreo aliado.

Sem esta louca e brutal trituração às cegas, milhares de internados teriam sobrevivido, em lugar de converter-se – entre abril e maio de 1945 – em macabros objetos de exposição, ao redor dos quais fervilhavam matilhas de necrófilos da imprensa e do cinema, sedentos de fotografias e filmes com ângulo e imagens sensacionais, e de um rendimento comercial garantido. Documentos visuais, cuidadosa e previamente retocados, sobrecarregados, deformados, e geradores de crescentes ódios.

Estes intrigantes da informação deveriam ter também tomado quilômetros de filmes semelhantes, de cadáveres de mulheres e crianças alemãs, cem vezes mais numerosos, mortos exatamente da mesma forma, de fome, de frio, ou metralhados sobre os mesmos gelados vagões ao relento, e nos mesmos caminhos ensanguentados. Mas essas fotos, igual às da imensa exterminação das cidades alemãs, que nos mostrariam seiscentos mil cadáveres, essas, evitaram divulgar. Teriam podido alterar os ânimos e, acima de tudo, equilibrar os ódios. A verdade é que o tifo, a disenteria, a fome, os continuados metralhamentos aéreos, atingiam indistintamente, em 1945, tanto aos deportados estrangeiros, como também à população civil do Reich, todos apanhados por abominações próprias do fim do mundo.

E além de tudo, Mui Santo Padre, no que se refere à uma vontade formal de genocídio, nenhum documento pode trazer a menor prova oficial disso, há mais de 30 anos. Mais especialmente, no que se refere à pretendida cremação, em Auschwitz, de milhões de judeus em fantasmais câmaras de gás de Zyklon B. as afirmações lançadas e constantemente repetidas desde há tantos anos, em uma fabulosa campanha, não resistem a um exame científico sério.

É loucura imaginar, e além de tudo pretender, que houvesse sido possível gasear em Auschwitz, 24.000 pessoas por dia, em grupos de 3.000, em uma sala de 400 metros cúbicos, e menos ainda, 700 ou 800 em locais de 25 metros quadrados, de 1,90 metro de altura, como tem se pretendido, a propósito do campo de Belzec: 25 metros quadrados, o que é o mesmo que a superfície de um dormitório. Vós, Santo Padre, conseguirieis colocar 700 ou 800 pessoas em vosso quarto?

E 700 ou 800 pessoas em 25 metros quadrados, são 30 pessoas por metro quadrado. Um metro quadrado, com 1,90 metro de altura, é uma cabine telefônica! Sua Santidade seria capaz de empilhar 30 pessoas numa cabine telefônica da Praça São Pedro ou do Grande Seminário de Varsóvia? Ou num simples box de chuveiro?

Mas se o milagre dos 30 corpos plantados como aspargos numa cabine telefônica, ou o das 800 pessoas apertadas ao redor de vossa cama se houvesse realizado, um segundo milagre deveria produzir-se imediatamente; pois as 3.000 pessoas — o equivalente a dois regimentos! — comprimidas tã fantasticamente na edificação de Auschwitz, ou as 700 o 800 pessoas comprimidas em Belzec, à razão de 30 ocupantes por metro quadrado, teriam morrido quase instantâneamente, asfixiadas por carência de oxigênio! Não teriam feito falta as câmaras de gás! Todos teriam deixado de respirar, inclusive antes que terminassem de empilhar os últimos, que as portas fossem fechadas e se espalhasse o gás pela sala. E como era feito este último? Por frestas? Por buracos? Por uma chaminé? Sob a forma de ar quente? Com vapor? Derramando-o no chão? Cada um conta uma versão contrária à do outro. — O Zyklon B, não atingindo mais do que cadáveres, não teria representado a menor utilidade!

De todas as maneiras, o Zyklon B é, como toda pessoa interessada na ciência pode saber, um gás de emprego perigoso, inflamável e aderente. Além disso, 21 horas de espera teriam sido necessárias e, inclusive, indispensáveis, antes que fosse possível retirar o primeiro corpo da fantástica sala.

Só depois, teria sido possível extrair — como nos tem sido contado, com milhares de detalhes escabrosos — todos os dentes de ouro, todas as obturações de chumbo — que escondiam, diz-se, diamantes —, de cada lote de seis mil mandíbulas rijas — três mil pessoas! — contraídas após a morte, ou de 48.000 mandíbulas por dia, se vamos acreditar nos números oficiais de 24.000 gaseamentos diários, somente em Auschwitz.

Mui Santo Padre, por muito santo que seja Sua Santidade, Vós suportareis ao dentista alguma vez, com maior ou menor resignação! Ter-vos-ão extraído um dente? Dois dentes? Ter-vos-ão instalado numa cadeira de dentista com possantes refletores apontados às vossas mandíbulas, com instru-

mentos apropriados e com um paciente que presta-se à suas prescrições? Pois bem, extrair um dente em ótimas condições, leva certo tempo. Quinze minutos? Trinta? Em Auschwitz, segundo as lendas, aos cadáveres que estavam no chão, era preciso abrir-lhes as mandíbulas endurecidas, com muitas dificuldades, descontraí-las e trabalha-las com instrumental necessariamente primitivo. Com oito operadores no total: é a cifra oficial. E depois, tinham que examiná-los sem luz apropriada, rente ao concreto do chão, e não somente um ponto enfermo da dentadura, mas as duas mandíbulas inteiras! Arrancar, esvaziar, limpar! Pode isto ser feito em menos tempo do que no consultório do especialista, perfeitamente equipado?

Dignai-vos Sua Santidade em pegar um lápis. Se demorarmos quinze minutos por dentadura, com oito indivíduos com pleno rendimento na operação, poder-se-ia chegar a 16 cadáveres atendidos por hora, isto é, 160 num período de 10 horas, sem um minuto de descanso. Pensai, Sua Santidade, inclusive num estajonovista[3] das dentaduras, e dobrai o ritmo das extrações, o que é, sem dúvida, materialmente impossível. Isto significaria 320. Então, Mui Santo Padre, como imaginar cremações de 3.000 judeus de uma só vez? E as jornadas de 24.000 gaseados com Zyklon B, que representariam 48.000 dentaduras para esvaziar, ou seja, 760.000 dentes a examinar diariamente? Simplesmente, ajustando-nos aos seis milhões de judeus mortos — que algumas pessoas juram ser o dobro ou o triplo dessa cifra, que a propaganda malha continuamente em nossos ouvidos — esses extratores de dentes estariam a extraí-los até quase os nossos dias!

Estas extrações, somente estas extrações, em dez horas de trabalho ininterrupto, teriam absorvido um trabalho de 1.875 jornadas de toda a equipe de oito indivíduos!

Mas, além disso, estas extrações eram somente uma for-

---

[3]Estajonovista: do russo: Stanakhov. Lendário super-operário da União Soviética, cujo nome é sinônimo de super-operário. (N. do T.).

malidade preliminar, porque faltava ainda raspar milhões de cabeças. Depois, antes de passar os cadáveres para o forno, procedia-se — segundo o que todos os "historiadores" de Auschwitz afirmam ex-cátedra — ao exame de todos os ânus e todas as vaginas, de cujo interior tratava-se de recuperar os "diamantes" e as "jóias" que pudessem ter sido escondidas. Podeis imaginar isto, Mui Santo Padre? Seis milhões de ânus, três ou quatro milhões de vaginas, limpos a fundo, quando nos tem sido explicado que, depois de gaseamentos em massa, os corpos derramavam excrementos, urina, sangue menstrual e outras imundícies! Nestes órgãos sujos, os dedos, as mãos dos trabalhadores deviam remexer tudo, achar os supostos diamantes escondidos, extraí-los, pegajosos, lavá-los, lavarem-se eles, 24.000 vezes por dia (quando eram ânus), e entre 15 a 20.000 vezes por dia (quando eram as vaginas). É uma loucura! Tudo isso é de loucos! E não falemos das atividades complementares: fábricas de adubos e fábricas de sabão, das quais o delirante professor Poliakov nos fala sem pestanejar.

Estas operações de gaseamento, de corte de cabelo, de extração de dentes, de limpeza de órgãos, realizadas em cima de seis milhões de judeus, ou sete milhões, ou quinze milhões, segundo o padre Riquet, ou de vinte milhões — quer dizer, mais do que os judeus existentes na época, no mundo inteiro! — conforme o dicionário Larousse, seguiriam ainda, se fossem admitidas como exatas as afirmações "oficiais" dos manipuladores da "história" de Auschwitz! Então sim, deveríeis Vós, Sua Santidade, Mui Santo Padre, tapar o nariz, perto das câmaras de gás, e transpirar ao calor dos fornos de Auschwitz, no decorrer de Vossa missa concelebrada!

Se houvesse sido multiplicado o número de cadáveres reais e normais por dez, ou por vinte, a fraude dos mortos teria podido conservar ainda um certo aspecto de verossimilidade. Mas, igual ao que vimos no caso do gaseamento de 700 a 800 pessoas por dormitório, ao mentir demasiado, chega-se ao grotesco. Era necessária a insondável e apenas

imaginável estupidez das massas, para que semelhantes extravagâncias pudessem ser inventadas, relatadas, difundidas aos quatro ventos, filmadas e ACREDITADAS.[4]

"Eu creio, declara bravamente um personagem do Holocausto — em tudo o que se conta sobre isso".

Declaração exemplar!

Então, Mui Santo Padre, como imaginar por um instante que em Auschwitz, na hora da concelebração, enquanto todos os corações, estreitados pelo amor de Deus e dos homens, vão participar na renovação do sacrifício, que um sacerdote, um Papa, poderia, no momento em que levanta o cálice até o céu, ser consciente de que está encobrindo sob o seu pálio um desdobre de ódio tão animal, de mentiras tão extravagantes, que estão no extremo oposto dos ensinamentos patéticos de Cristo? Não! Certamente não! Não é possível! Vossa mensagem a cem passos da falsa câmara de gás em Auschwitz, não pode ser mais do que uma mensagem de caridade, de fraternidade, igualmente de verdade, na qual toda doutrina afunda. Vós ireis a Auschwitz para recolher-Vos emocionado, num dos altos lugares do sofrimento humano, cujas causas e cujos responsáveis serão fixados verdadeiramente, objetivamente, com o tempo, por uma História serena, e não recorrendo a testemunhos obtidos pela força e algumas divagações de farsantes.

O papa está acima de tudo isto.

Está ao lado das almas que sofreram, das que, no sofrimento elevaram-se espiritualmente, porque não existe pena, nem calvário, nem agonia, que não possa chegar a ser sublime. Por exemplo, nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, em que tantos milhões de soldados caíram após horríveis sofrimentos, e igualmente nos campos de trabalho, em que tantos morreram vítimas de interesses que não entendiam, mas que os destruiam, mas que os aniquilavam; o sacrifício, a dor física e moral, a terrível angústia, converteram

---

[4]Com referência a câmaras de gás, leiam "Acabou o gás!... O fim de um Mito", da Revisão Editora Ltda. (Nota da editora).

milhares de almas que, em circunstâncias normais, ter-se-iam perdido na mediocridade, em gloriosos exércitos de heróis espirituais. Assim foi em Auschwitz. Foi assim na Frente Oriental, ao longo de anos de luta e de imolação de milhões de jovens europeus que, em 1941 a 1945, fizeram frente heroicamente ao avanço do comunismo.

Certamente, através de toda a história dos homens, têm sido cometidas atrocidades. Auschwitz, de todas as maneiras, não terá sido, nem o primeiro caso, nem o último. Nós vemos isso de sobra no momento atual, quando são massacradas tantas mulheres e crianças indefesas, esmagadas nos campos palestinos pela força aérea de Israel, executando a lei de Talião sobre inocentes, em memória dos quais não se cantará provavelmente, nunca, uma missa concelebrada...[5] Numerosas potências têm abusado muitas vezes de seu poder. Numerosos povos perderam a cabeça. Não um, especialmente, mas todos. Ao lado de corações puros e desinteressados, que ofereceram a sua juventude a um ideal, a Alemanha teve, como todo o mundo, seu lote de seres detestáveis, culpados de violências inadmissíveis. Mas qual o país que não teve os seus?

A França da Revolução Francesa, não inventou o Terror, a guilhotina, os afogamentos no Loire? Napoleão não deportou, porém mobilizou pela força, centenas de milhares de civís dos paífses ocupados, enviados à morte pela sua glória! Cinqüenta e um mil apenas na Bélgica! Ou seja, mais do que os belgas que morreram na I Guerra Mundial, ou nos campos de concentração do III Reich. Mais perto ainda de nós, um De Gaulle não presidiu em 1944-45, o massacre de dezenas de milhares de adversários batizados de "colaboracionistas"? Mais recentemente ainda, na Indochina, na Argélia, a França não amontoou centenas de milhares de fugitivos,

---

[5]As Comissões de Direitos Humanos não movem um dedo a favor do povo palestino, onde são cometidas verdadeiras chacinas diariamente por parte dos israelenses. São ativos apenas quando a polícia bate em assaltantes e na defesa de subversivos e terroristas estrangeiros. Recomendamos examinar quem controla esta comissão na ONU... (Nota do editor).

reféns, civís detidos em massa, em campos de concentração extremamente duros, onde tampouco faltaram os sádicos? Um general francês fez inclusive, o elogio público da tortura.

E a Gran Bretanha, com seus bombardeios de cidades livres como Copenhague? Suas execuções de cipayos[6] amarrados na boca dos canhões, a aniquilação dos boers, seus campos de concentração do Transvaal, ou com milhares de mulheres e crianças mortas numa miséria incrível? E Churchill, desencadeando seus abomináveis bombardeios de terror sobre a população civil do Reich, a calcinação por fósforo nos abrigos, aniquilando numa noite só, ao redor de 200.000 mulheres e crianças no gigantesco crematório de Dresden? "Ao redor de", porque não foi possível fazer uma estimativa aproximada, a não ser calculando o peso das cinzas...

E os Estados Unidos? Não elevaram seu poder graças à escravidão de milhões de negros marcados a fogo como animais, e graças ao extermínio quase integral dos índios Peles Vermelhas, proprietários de valiosos terrenos cobiçados pelos brancos? Não foram eles, em 1945, os lançadores da bomba atômica? Ontem ainda, não contavam entre suas tropas no Vietnam, com indiscutíveis verdugos?

E não insistimos sobre dezenas de milhares de vítimas da tirania soviética e dos Gulags atuais, sobre os quais, receio que não se falará nada e nem que Vós visitareis nunca, como o fizestes com o campo de Auschwitz, vazio de todo ocupante há dezenas de anos.

Em Auschwitz, ninguém o negará, a vida foi dura, às vezes muito cruel. Mas nos campos dos vencedores de 1945, os sádicos e os carrascos desenvolveram-se rapidamente com igual abundância, mas com muito menos desculpas, se é admissível que uma guerra mundial possa albergar desculpas.

Santo Padre, eu não queria estragar o prazer que vós ireis sentir ao encontrar-vos em vosso país. Mas cuidado! Vossa Pátria valorosa, da qual Vós tendes exaltado a elevação moral

---

[6]Soldados indianos a serviço dos dominadores britânicos (N. do T.).

ao glorificar seu admirável patrono — São Estanislau — não conheceu também ela, suas horas de crimes e aviltamento? No momento em que Vós ides pisar o solo polonês de Auschwitz, que lembra especialmente a última tragédia judaica, resultaria pouco decente — se quereis ser justo — não evocar outros inumeráveis judeus mortos anteriormente por vosso território, em programas horríveis, torturados, assassinados, enforcados, ao longo dos séculos por vossos compatriotas. Estes não têm sido sempre uns anjos, apesar de tão católicos!

Eu ouço ainda o Núncio Apostólico de Bruxelas, que foi depois o Cardeal Micara, anteriormente Núncio em Varsóvia, quando relatava-me, em sua excelente mesa, como os camponeses poloneses crucificavam judeus nas portas de suas fazendas.

— "Estes porcos judeus!" — exclamava bem pouco evangelicamente o melífluo prelado.

Estas palavras foram pronunciadas tal e qual, acreditai-me.

A Igreja, ela mesma, Mui Santo Padre, tem sido sempre tão tolerante? Inclusive, em pleno século XVIII, ela ainda queimava os judeus com grande aparato. Em plena cidade de Madrid, particularmente. Mas ela os queimava VIVOS! A Inquisição não foi um redil pacífico. Os massacres dos albigenses[7] foram cometidos sob a égide de Santo Tomás de Aquino. Os assassinatos da noite de São Bartolomeu causaram alegria ao Papa, vosso predecessor, que levantou-se no meio da noite para celebrar com um Te Deum entusiasta, tão feliz acontecimento, e ordenou inclusive, comemorá-lo com uma medalha! E as trinta mil chamadas bruxas, carbonizadas piedosamente ao longo da Cristandade?

Inclusive no século passado, o Papado restabelecia ainda em Roma, o Ghetto. A rigor, Mui Santo Padre, não valemos muito, sejamos Papas ou Aiatolás, parisienses ou prussianos, soviéticos ou novaiorquinos. Não há porque ser exagerada-

[7]Albigenses — de, ou relativo a Albi (França). Indivíduo dos albigenses, hereges do Sul da França (Séc. XII e XIII), que professavam doutrina dualista maniqueia.

mente orgulhosos! Todos nós temos sido, em nossos maus momentos, tão selvagens uns como os outros. Esta equivalência não justifica nada, nem a ninguém. Ela incita, porém, a não distribuir com demasiada impetuosidade ou benevolência, as excomunhões e as absolvições.

Só será rejeitada a selvageria humana, respondendo ao ódio com a fraternidade. O ódio pode ser desarmado, como tudo se desarma, mas não oferecendo-o continuamente, com temperos cada vez mais fortes. Nem excretando-o ou exasperando-o, como no caso de Auschwitz, à força de exageros loucos, de mentiras e de falsas confissões cheias de contradições flagrantes, arrancadas pela tortura e pelo terror, nas prisões soviéticas e norte-americanas, porque tanto valiam umas como as outras, nos tempos odiosos de Nuremberg.

Alguns podem ter pensado que os flibusteiros do exibicionismo concentrado e os falsários, que fizeram do assunto dos "seis milhões" de judeus, a fraude financeira mais lucrativa do século, iam enfim, pôr um término a essa exploração. Graças a todo o aparato da grandiosa cerimônia religiosa que vai, em Vossa presença, desdobrar-se entre as falsas encenações do platô de Auschwitz, no meio de um gigantesco fervilhar de televisão e imprensa, tentar-se-á de tudo, para converter-Vos em avalista indiscutível destes cheques de ódio. Vosso nome vale seu peso em ouro, para todos estes gangsters. Sairá no mundo inteiro, como se o primeiro Holocausto não fosse suficiente, um Holocausto nº 2, que não terá custado um milhão de dólares como o outro, já que Vossa Santidade terá subministrado, absoluta e gratuitamente a indecentes cenógrafos, a mais faustosa das figurações.

O Holocausto número 1, qualquer que tenha sido sua difusão e o seu impacto entre os tolos, não foi mais do que um gigantesco alvoroço hollywoodiano, de rara vulgaridade, e destinado antes de mais nada, a esvaziar centenas de milhões de bolsos de espectadores desavisados. Mas os estragos não poderiam ser mais do que efêmeros; notar-se-ia rapidamente que as extravagâncias eram tão ridículas, que não resistiriam ao exame consciente de um historiador. Pelo con-

trário, Vosso Holocausto, Mui Santo Padre, filmado com grande pompa em Auschwitz, por um Papa em carne e osso, revestido de toda a majestosidade pontificial e ungido de veracidade, frente a um altar inviolável, principalmente na hora do Sacrifício, este Holocausto número 2 arrisca aparecer perante os olhos de uma cristandade lograda por manipuladores sacrílegos, como uma confirmação quase divina de todas as elucubrações montadas por usurários cheios de ódio.

Já vossa evocação perante os túmulos poloneses de Montecassino, de uma guerra da qual — a crer-se no que tem dito a imprensa internacional — Sua Santidade não tem retido mais do que certos aspectos fragmentários e partisanos,[8] tem inquietado a muitos fiéis. Vosso comparecimento ostentoso em Auschwitz, não pode senão inquietar mais ainda, Mui Santo Padre, pois não é duvidoso que sereis "usado". É tão evidente, que salta aos olhos. Uns flibusteiros da imprensa e da tela de cinema, decidiram fazer-vos cair, com a mitra, com vossa sotaina branca toda nova, nesta armadilha de Auschwitz. Porém esta cerimônia religiosa não pode representar aos vossos olhos, certamente, na hora da concelebração, outra coisa que não seja uma chamada à reconciliação, e de maneira alguma, uma chamada ao ódio entre os homens.

Homo homini lupus, dizem os sectários. Homo homini frater, diz todo cristão que não é um hipócrita. Nós somos todos irmãos, o deportado que sofre por trás da cerca de arame farpado, o soldado intrépido contraído sobre sua metralhadora. Todos os que sobrevivemos a 1945, Vossa Santidade, o perseguido convertido em Papa, eu, o guerreiro convertido em perseguido, e milhões de seres humanos que temos vivido de uma maneira ou outra, a imensa tragédia da Segunda Guerra Mundial com o nosso ideal, nossas esperanças, nossas fraquezas e nossas falhas, devemos perdoar, devemos amar. A vida não tem outro sentido. Deus não tem outro sentido.

8Partisanos, do italiano "partisani"; guerrilheiros, irregulares, resistentes. (Nota do tradutor).

Então, em verdade, que importa o resto! O dia em que Vós celebreis a missa em Auschwitz, apesar das imprudências espirituais que possam comportar umas tomadas de posições de um Papa em debates históricos não concluidos e, apesar dos fanáticos do ódio que, sem demora, vão explorar a espetacularidade de Vosso gesto, eu unirei, desde o fundo de meu longínquo exílio, meu fervor ao Vosso.

Sou, Mui Santo Padre, filialmente vosso,

Léon Degrelle
No exílio, 20 de Maio de 1979

Resposta de sua Santidade João Paulo II em Auschwitz

por José Martinez

O Papa regressou a Roma. Sua viagem de junho de 1979 à Polônia teve suas complicações. A propaganda oficial comunista ocultou seus êxitos. A televisão polonesa não apresentou, nunca, vistas panorâmicas das massas que o recebiam fervorosamente, limitando-se, duas vezes, à apresentação da face do Santo Pontífice. Fez somente uma exceção sensacional, com a cerimônia no campo de concentração (melhor dito, de trabalho) de Auschwitz, onde, conforme os desejos do Governo comunista, o Papa concelebrou a missa no dia 7 de junho. Desta vez sim – porque correspondia aos planos da propaganda soviética – a televisão oficial polonesa mostrou uma grande reportagem do ato, religioso na mente do Sumo Pontífice, anti-"fascista" na mente dos outros.

Nessas terras submetidas à ditadura comunista, João Paulo II – imagina-se facilmente – não podia afastar-se muito, em Auschwitz, das afirmações oficiais do regime marxista-leninista, segundo as quais, nada menos do que quatro milhões de judeus tinham morrido, há trinta e tantos anos, somente neste campo de trabalho.

O catedrático da Universidade americana de Evanston (Illinois), Arthur R. Butz, destroçou, radicalmente, no seu livro "The Hoax of the Twentieth Century",[9] essa lenda. Este grande sábio norte-americano não tem nada de nazista. Tampouco o tem, o cientista francês Robert Faurisson, catedrático na Universidade de Lyon (França), que comprovou cientificamente, no jornal "Le Monde" e outras publicações, a impossibilidade material dos massacres em "câmaras de gás" mediante o Zyklon B. Foi demonstrado que a totalidade

---

[9] "O logro do século vinte" – em inglês no original (N. do T.).

de judeus mortos em Auschwitz, mortos, naturalmente, de cansaço físico, de desmoralização, de doenças, de grandes epidemias — e não em "extermínios" — não ultrapassou os cinqüenta mil ao longo de quatro anos, quer dizer, uma média de 12.500 por ano, o que não tem nada a ver com os quatro milhões, em quatro anos, inventados pela propaganda comunista ou hebraica.

Quando as tropas soviéticas acercaram-se de Auschwitz em janeiro de 1945, os Alemães deixaram tranqüilamente em suas camas os 6.000 deportados que não tinham boa saúde, com 17 médicos para cuidar deles: prova evidente de que os nazistas não atiravam os doentes em "câmaras de gás", pois seis mil ficaram assim, perfeitamente atendidos, à espera dos invasores soviéticos; prova também evidente de que o Terceiro Reich não tinha a mínima inquietação em deixar na mão do inimigo estas seis mil testemunhas excepcionais da vida no campo de Auschwitz. Se os alemães tinham cometido extermínios em massa de Hebreus, como foi afirmado tão ruidosamente pelos negociantes do Holocausto, nunca ter-se-iam arriscado os SS a entregar, tão tranqüilamente, seis mil futuros acusadores. Se os colocavam à disposição dos soviéticos, é que não tinham medo nenhum. Está claríssimo!

Mas, ao Papa, era-lhe difícil contradizer publicamente os números extravagantes inventados pelo regme comunista que o recebia, apesar da enormidade de uma mentira que salta aos olhos de qualquer pessoa que vê e calcula, e que já não admite o próprio "Instituto Contemporâneo de Munich", o organismo número 1 do antinazismo alemão. Falar de milhões de judeus mortos em Auschwitz ou em qualquer lugar, é pouco sério quando sabemos que quase 600.000 judeus da Polônia (o senhor Menahen Begin, futuro Primeiro Ministro de Israel à frente), refugiaram-se entre 1939 e 1941, na URSS; outros tantos na Europa Central; e, pelo menos, outros tantos que ficaram na Polônia ocupada; quando sabemos que as tropas de Stalin, ao invadir a Hungria, no inverno 1944-45, encontraram centenas de milhares de outros judeus

(muito evadidos, também, da Polônia); entre eles 200.000 só no ghetto de Budapest; quando sabemos que na França, 80% dos 350.000 judeus não sofreram nenhum tipo de deportação e chegam, agora, a ser um milhão (nos tempos de Napoleão, Paris contava apenas com quinhentos hebreus); quando sabemos que dois milhões e meio de judeus muito espertos, quase todos da Europa Central, foram ocupar, após 1945, as terras roubadas da Palestina, com uma maioria tão esmagadora de ex-judeus da Polônia, que o primeiro Governo de Israel chamava-se, ironicamente, o Governo dos Poloneses; quando fervilham agora milhares e milhares de hebreus na Holanda, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Itália, etc.... sem falar da Espanha, quem vai acreditar em "extermínios de judeus", mais numerosos e mais dominadores hoje do que nunca!

No decorrer do verão de 1944, Himmler — como o estabeleceu definitivamente o Tribunal de Jerusalém durante o Processo Eichmann — ofereceu aos Aliados, a troca de um milhão e, depois, de dois milhões de judeus da Europa Central contra dez mil caminhões. Se queria trocá-los, é porque estavam com vida! Foram as democracias que rechaçaram de maneira tão egoísta, a oferta de Himmler, duas vezes repetida!, para não ter preocupações como, também antes da guerra de 1939 haviam negado aos judeus da Alemanha qualquer possibilidade séria de expatriar-se. Os 2.500.000 judeus que foram para a Palestina depois de 1945, não o fizeram com o apoio dos vencedores, mas contra eles.

Como, por outro lado, os trens alemães haviam transportado para tão longe, inutilmente, milhões de deportados, quando faltavam desesperadamente, vagões, maquinistas, carvão, etc...? Faltavam até para transportar ao Front Oriental os soldados e as munições! E sobretudo, porque o Terceiro Reich dedicar-se-ia a "exterminar" milhões de judeus, indispensáveis nas fábricas e oficinas de toda a Europa, quando a Alemanha, na falta de mão-de-obra não tinha outro jeito a não ser requisitar à força, por toda Europa, um sem número de operários estrangeiros, provocando assim, oposi-

ções, ódios e resistências violentíssimas. Hitler, acossado, precisava de trabalhadores e não de cadáveres!

Os judeus inimigos declarados da Alemanha hitlerista, e tratados como tais, tiveram que trabalhar, não todos, mas uma parte bastante limitada (15 a 20%) dos 5,5 milhões de Hebreus da Europa. Os que morreram — por motivos normais — não eram nada ao lado das dezenas de milhões de deportados que fizeram perecer, os soviéticos, nos seus campos de extermínio da Sibéria (65 milhões, segundo Soljenitzin). Os grandes assassinos do século foram eles, sem esquecer os seus discípulos tchecos, poloneses, iugoslavos, de 1945, e seus primeiros admiradores de 1936 instalados, sem disfarce, em Paracuellos.

Resultava também, difícil ao Papa, recordar aos comunistas outros extermínios, por exemplo o de Katyn, com seus milhares de oficiais poloneses, patriotas de primeira, assassinados neste bosque com uma crueldade atroz. Já em 1941, os soviets queriam, por antecipação, eliminar toda competência nacional na Polônia que submeteriam em 1944 e 1945 à sua ditadura férrea, da mesma forma que toda Europa Oriental.

Os comunistas poloneses não admitiram esta visita do Papa ao seu terreno reservado, sem impor condições e receber promessas. É o que pode explicar a evocação estranha que o Papa fez da "liberação" da Polônia pelas tropas dos Soviets, estes Soviets que, aproveitando a invasão alemã de setembro de 1939, assaltaram covardemente a Polônia no mesmo mês, engulindo a metade de seu território; estes Soviets que "libertaram" o comando militar polonês, decapitando-o em Katyn; estes Soviets que fizeram parar suas divisões a 800 metros das portas de Varsóvia em agosto de 1944, quando os patriotas poloneses acabavam de sublevar-se, abandonando-os, não permitindo tampouco que Churchill os ajudasse por via aérea, até que, ao final de uma luta heróica, sucumbiu a Polônia nacional. Sobre seus milhares de cadáveres, os de Katyn e os de setembro de 1944, Stalin instalou o governo comunista do novo satélite. Assim "libertaram" a Polônia! Não a libertaram, mas pelo contrário, atraiçoa-

ram-na, abandonaram-na e, uma vez esmagada sua tentativa de libertação, invadiram-na e domaram-na!

Dar graças aos herdeiros de Stalin pela dominação implacável que Moscou impôs pelas armas à Polônia era tão enorme, de parte de um Papa — e mais, de um Papa polonês! — que a muitos esta evocação da "liberação soviética" pareceu, não como um ato de humilhação indignante, mas como uma forma de amabilidade diplomática quase maquiavélica. De todas as maneiras, era pagar caro o bilhete de entrada.

Apesar disto, o significativo — muito significativo — do discurso do Santo Padre em Auschwitz foi, não o que disse, mais ou menos forçado, mas o que NÃO disse.

Não disse, em Auschwitz, nem uma só palavra sobre o principal, ou seja, as "exterminações" nas "câmaras de gás", apesar de que falava a poucos metros da enorme "câmara de gás" que se vê no campo, câmara falsa (não houve nunca, nenhuma, senão uma sala de chuveiros e um depósito), totalmente nova, edificada desde o primeiro tijolo até o último, pelos serviços de propaganda comunista DEPOIS da II Guerra Mundial.

Em sua carta, Léon Degrelle havia realçado energicamente a João Paulo II, a inexistência de semelhantes salas e a impossibilidade científica do emprego nelas do gás Zyklon B para extermínios. O Papa levou-o muito em conta: evitou cuidadosamente em Auschwitz qualquer afirmação ou alusão a "câmaras de gás", não pronunciou a palavra "gás". Era reconhecer claramente que não se atrevia a tomar por verídica este lenda, que toda esta história de Zyklon B não tinha nem pés nem cabeça, que era insustentável, cientificamente. Mas, sem "câmaras de gás", o que fica do mito dos "extermínios" de Auschwitz?

O Papa fez — positivamente esta vez — uma segunda evocação da carta-refutação de Léon Degrelle quando, abandonando seu texto oficial, improvisou palavras que, em primeiro lugar, apontavam nitidamente os crimes dos Soviets e, em segundo lugar, aludiam quase que textualmente à cita-

ção do Chefe do Rexismo: "Homo homini frater" (O homem é um irmão para o homem):

— "Não quero, declarou o Papa, abandonando seu texto datilografado — não quero nomear os que hoje fazem sofrer povos e pessoas, já que todo homem é irmão".

O jornal YA, em seu número de 8-VI-1979 (Pág. 10, coluna 5), comentou com grande curiosidade a emoção dos 900 jornalistas depois de ouvir, muito intrigados, estas palavras subitamente improvisadas pelo Papa,, ausentes do texto oficial já distribuído à imprensa:

— "Os jornalistas, escreve YA, saem do campo discutindo a quem refere-se o Papa quando introduziu no seu texto uma frase dizendo que não quer nomear aos que hoje fazem sofrer povos e pessoas, já que todo homem é irmão...".

Nós o sabemos, depois de ter lido a carta de Léon Degrelle ao Papa, carta "pessoal", que o Chefe do Rexismo não queria, de maneira alguma, que fosse publicada, mas que caiu à luz na Bélgica e na França, pela indiscrição de um informante romano. Felizmente, porque teve, como se vê, repercussões muito úteis.

Já não se falará com a indecência anterior de massacres feitos em "câmaras de gás", sobre as quais publicamente cala o próprio Papa. Por outro lado, João Paulo II, em seu improviso, falou sem medo dos "que, HOJE, fazem sofrer povos e pessoas".

O Papa disse FAZEM.

O Papa disse HOJE.

Hoje é agora. Os que "hoje fazem sofrer povos e pessoas", quem pode ser, senão os ditadores comunistas que submeteram à sua tirania 270 milhões de Russos, os invasores que esmagaram com seus tanques na Europa Oriental, os habitantes de Budapeste e Praga, os que seguem torturando e exterminando nos seus GULAGS, milhões de presos-escravos?... Destes, quando ouve-se falar? Muito poucas vezes, e academicamente!

Mas sim! mil provocadores seguem destroçando-nos os tímpanos com as histórias velhas de mais de um quarto de

século, de judeus "gaseados" pelas "câmaras de gás" que nunca existiram, durante a Segunda Guerra Mundial, quando os extermínios — verdadeiros, estes — em campos soviéticos, seguem HOJE em plena atividade, sem que nenhuma autoridade política tenha a coragem de contestar a esses crimes atuais, de outra maneira que não seja com palavras vãs e hipócritas.

Depois de ler a CARTA AO PAPA de Léon Degrelle, e a resposta improvisada que lhe fez o Papa em Auschwitz, a propaganda judaica já não poderá continuar mentindo com tanto descaramento. E aos farsantes indecentes que inventaram a fraude do HOLOCAUSTO, as pessoas sadias saberão opor, a partir de agora, a evidência dos fatos históricos, sua comprovação científica e a simples honestidade.

Já a Espanha conheceu, em 1936, sua lenda especialmente mentirosa sobre os caramelos envenenados, distribuídos entre as crianças, pelas freiras. Serviu de pretexto às gangues marxistas para queimar centenas de conventos e assassinar milhares de padres e freiras.

Querem fazer-nos engolir outra lenda de caramelos — nazistas desta vez — com milhões de coitadinhos judeus, humildes, meigos, santinhos, gaseados e queimados todos, por Hitler, os que, agora, passeiam pelo mundo inteiro, mais flamantes e mais exibicionistas do que nunca, transbordando de saúde e de fanatismo, estufados de indenizações fenomenais, pensões fraudulentas e territórios roubados.

Acreditam ser o umbigo, a carne, os miolos do universo, apesar do Estado artificial de Israel não representar nem a milésima parte da população do mundo. A crise dramática do petróleo decorre da ambição insaciável e da intolerância sanguinária de Israel. Os piromaníacos deste estado intruso acabaram com a paciência dos árabes e provocaram a quebra da economia mundial. Sua voracidade territorial, suas chantagens, suas vinganças e os seus crimes militares, cem vezes repetidos e condenados, obrigam a humanidade a viver sob a ameaça incessante de uma nova guerra mundial. Uma guer-

ra mundial somente por um punhado de hebreus imperialistas que sempre querem mais e mais, acumulando — para conseguir seu fim — as lendas e as mentiras do tipo "câmaras de gás" e "Holocausto".

As histórias de mandíbulas de burro com as quais um hebreu super-homem podia matar antigamente, sozinho, num instante, os seus sete mil filisteus atônitos, perderam seu público ingênuo.

Com suas histórias extravagantes de Auschwitz, os milhões de judeus gaseados e ressuscitados aborrecem-nos. Não enganarão mais ao mundo. Basta!

LETTRE AU

PAPE

à propos d'

Auschwitz

Les éditions de

L'EUROPE REELLE

Capa da edição belga de "Carta ao Papa"



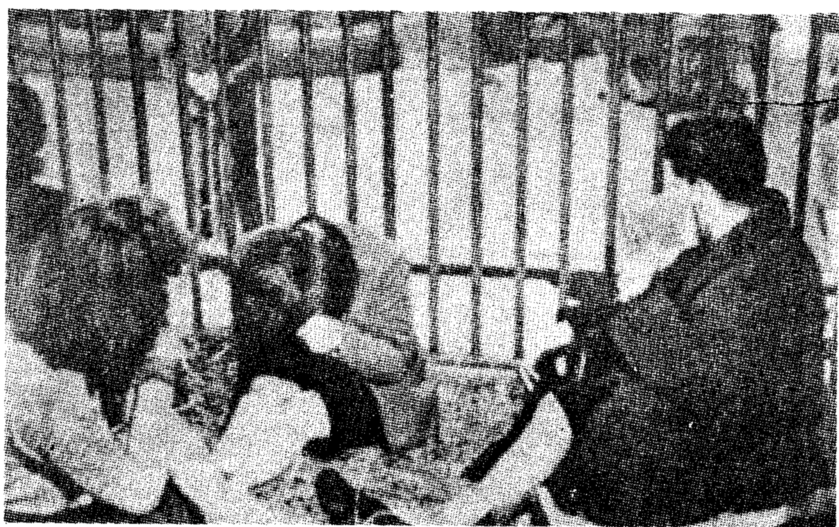
Degrelle é recebido por Hitler em seu quartel general.



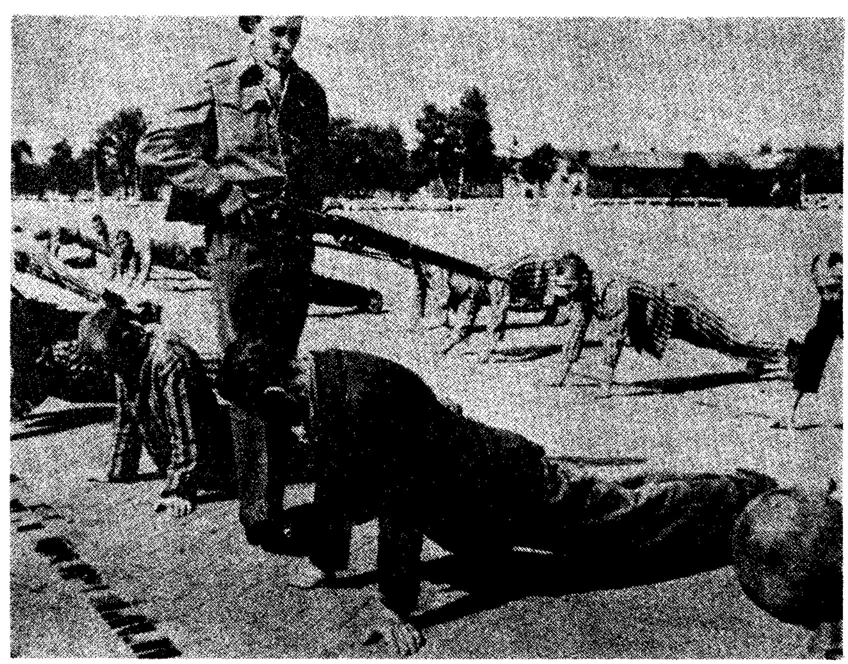
Degrelle em seu longo exílio na Espanha.



Mais de 100.000 pessoas aclamaram Leon Degrelle, em Bruxelas, no dia 2/4/44, quando regressou à sua pátria após brilhante vitória obtida no bolsão de Tcherkassy, na URSS. A Alemanha ainda ocupara militamente a Bélgica nessa época, mantendo as melhores relações com seu povo.



A "libertação" da Bélgica: Familiares de voluntários que combateram ao lado dos alemães, contra o comunismo, são "exibidos" numa jaula de leão em Antuérpia.



Soldados belgas, que voluntariamente combateram ao lado da Alemanha, presos em campo de concentração, após o término da guerra. Passaram, durante vários meses por terrível lavagem cerebral, à qual foi dado o sugestivo nome de "desnazificação". Destaque para todos os prisioneiros vestidos da mesma forma que os prisioneiros dos alemães, e todos também de "coco rapado" com excessão de dois novatos, um nos pés do guarda e outro semi-careca logo atrás, pois ambos ainda não receberam o uniforme de prisioneiros.



Leon Degrelle com sua filha Anita no exílio, na Espanha em 1963